

CONTEXTO HISTÓRICO DA RELAÇÃO ENTRE A IMPRENSA E A BIOMEDICINA A PARTIR DA INVENÇÃO DA PRENSA

Mônica Carvalho Zavarese
Doutoranda em Comunicação e Cultura pela ECO/UFRJ.

Medicina das espécies e nascimento da imprensa

“Béralde: Nos discursos e nas coisas há dois tipos de pessoas em vossos grandes médicos: ouça-os falar, os mais hábeis do mundo; veja-os agir, os mais ignorantes de todos os homens.”

Molière

Do século XV até o século XVIII, o saber médico concebia as doenças como espécies — é a *medicina classificatória* ou *das espécies* (Foucault, 1994). Nessa época, as doenças eram analisadas e tratadas de acordo com sua classificação em famílias, gêneros e espécies às quais pertenciam, tal como se fazia com as plantas. As doenças era estudadas a partir dos sintomas, revelados através do corpo do doente, este sim mero depositário da enfermidade, totalmente contingencial. Assim, “para conhecer a verdade do fato patológico, o médico deve abstrair o doente: «É preciso que quem descreve uma doença tenha o cuidado de distinguir os sintomas que a acompanham necessariamente, e que lhe são próprios, dos que são apenas acidentais e fortuitos, como os que dependem do temperamento e da idade do doente»” (Foucault, 1994, p.7). O doente é algo exterior à doença. Se por um lado é preciso conhecer mais a respeito dos corpos, esta necessidade é tida como possibilidade de se distinguir a natureza das doenças (Ibidem).

Deve-se ressaltar, contudo, que para se conhecer os corpos não se levava em conta a etiologia, a anatomia e a histologia patológicas, a fisiologia etc., disciplinas que não existiam na prática e no discurso médicos. O espaço da doença é fluido, não se localiza em qualquer órgão específico, pois corre todo o corpo com total liberdade (Foucault, 1994, p.9).

O doente, por ser um mero depositário da doença, não se encontra vinculado a ela por descuido pessoal em relação ao próprio corpo. A relação do doente com a doença era basicamente de uma natureza que tenta se impor a outra. Para ajudar a natureza do doente nesta “luta” surge a figura do médico que se limitava ao emprego da *purgação*, do *clister* e da *sangria*. Esta última, no tempo de Luís XIV, era uma técnica de ponta, sendo o corolário prático da proposição de Harvey sobre a circulação do sangue, descoberta no começo do século XVII. Assim, o médico que praticava a sangria demonstrava sua fé nesse pressuposto e, principalmente, se colocava numa posição de “vanguarda” em relação à medicina.

A técnica de impressão com a utilização de caracteres móveis surgiu no século XV com Gutenberg. O ancestral dos periódicos é o *Kalendrier des bergers*, de 1491, que será amplamente imitado e editado durante dois séculos. Mas até o século XVI, será possível encontrar também

outros periódicos ocasionais ou anuais, os *almanaques*. Tais publicações tinham como assuntos principais listas de festas, fases da lua, anedotas, preces, além de receitas e conselhos médicos etc.(Wolgensinger, 1989).

Somente no século XVII, praticamente duzentos anos após a invenção da técnica de impressão, pode-se falar no nascimento da imprensa moderna. Nessa época, a imprensa começou a valorizar o que se passou a denominar *fato*, diferenciando-se, pouco a pouco, da opinião.

A primeira publicação próxima do que hoje se conhece como jornal foi *La Gazette*, que era semanal e foi idealizada e fundada pelo médico Théophraste Renaudot em 30 de maio de 1631, que definiu o jornalismo ao estabelecer a procura da verdade como a base de seu trabalho. Além de *La Gazette*, Renaudot criou também um *Escritório de Endereços* que dava, também semanalmente, informações diversas de interesse para os parisienses, tais como dados sobre consultas médicas; cursos, lições, discussões, conferências em medicina, teologia, direito; doenças e seus remédios; lugares, pessoas, móveis e alimentos próprios a tratá-las etc. (Audin, 1972).

Além de ser responsável por novas idéias no campo da imprensa, Renaudot é considerado inovador também na medicina: “ele desenvolve as consultas gratuitas para os pobres, cria um montepio, imitado do exemplo italiano” (Sournia, 1991) e funda um laboratório de pesquisas químicas. Além disso, não se comportava como um médico tradicional, sendo considerado polêmico contra os tradicionalistas por se colocar a favor da teoria da circulação do sangue.

Pouco depois da criação de *La Gazette*, em 1666, Colbert e Luís XIV fundaram o *Journal des Savants*, um semanário que tinha a função de relatar os trabalhos em matemática, ciências, história, letras, teologia, além de publicar artigos médicos, logo tendo se tornado o primeiro boletim científico (Wolgensinger, 1989).

Se até esta época a medicina ainda não havia constituído a sua clínica (Foucault, 1994), isso não impedia que o suporte impresso apontasse para o que praticamente desde o início da imprensa já ocorria e que na modernidade tornou-se algo comum e cada vez mais freqüente nos dias atuais: a exposição da biomedicina através dos meios de comunicação. Renaudot parece ser um dos melhores argumentos neste sentido já que reunia em si não só o empreendedor na área da comunicação assim como o entusiasta e praticante das “novas” idéias da medicina. Seu pioneirismo na área de comunicação prenunciava o surgimento do jornal como empresa e as “novas” idéias em medicina apontavam para a futura cientificização dessa prática que até essa época ainda era motivo de anedota nas peças de teatro de Molière.

Medicina moderna e jornalismo informativo

A medicina moderna fixa sua própria data de nascimento no final do século XVIII. Baseada no modelo científico, torna-se objetivante, visando a demonstração, a verificação e a generalização. Qualifica sua experiência a partir da prática do olhar. “As formas da racionalidade médica penetram na maravilhosa espessura da percepção, oferecendo como face primeira da verdade, a tessitura das coisas, sua cor, suas manchas, sua dureza, sua aderência.” (Foucault, 1994, p.XI).

A prática do olhar na medicina se dá com o advento da anatomia patológica. Apesar do estudo dos cadáveres ocorrer em algumas faculdades de medicina desde o século XVII, foi somente Bichat, no início do século XVIII, que fez a ponte entre a anatomia e a medicina clínica. Com Bichat, passa-se a observar a superfície tissular dos órgãos aos quais são remetidas as doenças.

Pode-se também caracterizar esse momento como o do advento de uma *medicina preventiva* que consiste em fazer o diagnóstico de uma doença, antes que os sinais clínicos tradicionais apareçam. Para isso uma série de tecnologias biomédicas passaram a servir de suporte para a medicina, no sentido de que tais objetivos fossem atingidos de modo eficaz.

A vacina, descoberta no século XVIII por Jenner, foi uma dessas tecnologias. No século XIX, Pasteur descobre a existência de um mundo até então invisível e obriga a adoção do microscópio na medicina (Sournia, 1991). Alguns anos depois, Koch desenvolve outros experimentos e descobre o bacilo da tuberculose, confirmando os trabalhos de Pasteur e fundando a própria bacteriologia. As descobertas de Pasteur e Koch criaram a dimensão da etiologia, onde um determinado germe passa a ser a causa de uma certa doença. O contágio nas epidemias, já aceito pela opinião geral, se confirma, servindo de base para várias práticas de saúde pública, tal como a quarentena. “Em poucos anos, instrumentos novos apareceram, toda a espécie de material para fazer colheita de garganta, recolher escarros, analisar os excrementos” (Moulin, 1991). Enquanto isso, sangrias, ventosas e purgantes, práticas comuns até então, passam para o domínio das práticas populares.

Além da medicina, a imprensa também tem suas transformações no século XIX. Não só as novas técnicas transformaram a prática e o discurso médicos assim como a própria imprensa. Os avanços da técnica de impressão — criação das rotativas, que permitiram o aumento do número de exemplares dos jornais — e a publicidade, permitiram que o preço do jornal caísse, tornando-o um veículo mais acessível ao grande público. No entanto, além do preço deve-se também considerar a mudança das idéias, suscitadas, em grande parte, pelo ideal racionalista que preponderava no século XIX e que também serviram de terreno para a revolução industrial ocorrida neste mesmo século e do gradativo avanço das concepções capitalistas.

Além de ser um produto destas idéias e da própria revolução, esta imprensa precede e acaba favorecendo as grandes mutações técnicas em matéria de impressão e transmissão das mensagens e

anuncia a “sociedade de consumo” uma vez que o jornal passa a visar o consumidor, através de seu conteúdo e de sua mensagem publicitária (Ibidem, p. 530). Esse processo serve de base para que a imprensa se afaste da publicação de opinião, que antes se vinculava diretamente à política, afim de atingir a grande massa de leitores (Ibidem).

A partir do momento em que se considera o fato na imprensa, a *objetividade* e a *neutralidade* passam a ser os aspectos mais valorizados. Esta concepção não foi uma exclusividade da imprensa, ela é característica da modernidade, e tornou-se possível a partir do modelo concebido por Descartes de divisão corpo-alma, sujeito-objeto, do objeto em suas mínimas partes etc.. Esta idéia está também na base do discurso científico e do discurso médico do século XIX. Assim, a proximidade entre a imprensa e a medicina não foi uma simples contingência histórica, uma vez que seus discursos tornam-se cada vez mais próximos, pois têm respaldo no racionalismo e no positivismo que passam a dominar os diversos discursos da época.

No final do século XIX e início do século XX, a imprensa foi marcada por mudanças tanto nos países mais industrializados como no Brasil. Nos EUA, por exemplo, o consumo do jornal já se dava em grande escala e o jornalismo se aproximou cada vez mais dos fatos do cotidiano, deixando de lado sua dimensão política que predominou durante grande parte do século XIX. Começa a haver um número maior de jornais populares e estes “à medida que interagem com o público (...) aprofundaram seu papel de mediadores” (Ribeiro, 1994, p. 27). Segundo o historiador Pierre Albert, “essa ampliação do conteúdo e do público dos jornais fez da imprensa o instrumento indispensável de adaptação das mentalidades e dos métodos de vida ao progresso das sociedades industriais” (Ibidem). Apesar do tom “sensacionalista” e “emocional” dos textos (Ibidem, p.26), não demorou muito para que se estabelecesse um modelo jornalístico norte-americano: noticioso, seco e voltado para o fato objetivo. A objetividade foi levada ao máximo nos EUA. Michael Schudson ressalta que “antes dos anos 1920, os jornalistas não pensavam muito sobre a subjetividade da percepção. Eles tinham relativamente pouco incentivo para duvidarem da consistência da realidade pela qual viviam”(Lins da Silva, 1991, p. 60).

O modelo norte-americano de jornalismo influenciou de modo muito expressivo o jornalismo brasileiro que surgiu tardiamente em 1808 com *O Correio Braziliense* e com a *Gazeta do Rio de Janeiro* (Ibidem). Apesar do ritmo lento da imprensa brasileira, no início do século XX o jornal incorpora-se ao cotidiano da sociedade brasileira (Lins da Silva, 1991, p. 30).

Também no começo do século XX, muitas doenças já eram passíveis de controle, sobretudo porque foram implantados programas de vacinação em massa encabeçados pelos governos de vários países. Entretanto, outros problemas considerados de saúde pública, foram surgindo na rede das múltiplas causas das epidemias. É nesta categoria que se inserem, por exemplo, o alcoolismo e as

doenças venéreas, que estavam fora de controle. Desta forma, além da alternativa preventiva através das vacinas, era preciso uma outra forma de controle que teria de envolver o que se passou a chamar de “educação para a saúde”. Neste sentido, não bastava a presença do médico, seria necessária uma ação social efetiva que envolvia desde o clérigo de uma comunidade até o assistente social pago pelo governo para desempenhar sua função (Britannica Online). E, neste contexto, até a imprensa, meio de comunicação que se tornava cada vez mais popular, também podia desempenhar esse papel.

A bacteriologia, associada à medicina, parecia encontrar seus limites na medida em que hábitos, vícios, estilo e modo de vida passavam a ser relacionados também ao adoecimento e sobretudo à disseminação da doença. Daí, possivelmente, a necessidade de se internalizar a prevenção, ou seja, o controle sendo exercido pelo próprio sujeito, e ao mesmo tempo a ciência servindo de suporte para a moralização. *Mas como agir neste sentido mantendo a credibilidade da ciência e mantendo-a longe de qualquer função aparente de um tribunal?*

Nesse sentido talvez seja importante relatar a forma como foi abordada a epidemia de gripe espanhola no Brasil, que ocorreu em outubro de 1918. No auge da epidemia houve muitas críticas em relação às autoridades sanitárias que pareciam subestimar o problema, dizendo que se tratava “somente” de uma gripe, apesar de ter ganhado proporções catastróficas. Na verdade, os médicos não sabiam o que dizer a respeito da doença, pois ela ultrapassava os limites do entendimento da medicina (na época, o próprio Diretor de Saúde Pública — uma espécie de ministro da saúde na época, ligado diretamente ao então presidente Wenceslau Bráz — se demitiu, pois era pressionado a tomar medidas contra a epidemia). Assim mesmo, eram divulgadas diversas recomendações profiláticas assinadas por médicos, tal como a de um certo Dr. Artur Neiva afirmando que “*para evitar a influenza todo indivíduo deve fugir das aglomerações, principalmente à noite...*” (Correio da Manhã, 17/10/1918, p.2), especificando ainda para que as pessoas não fizessem visitas umas às outras etc.. Pouco depois, vêm-se nas capas dos dias 21 e 22 do *Correio da Manhã*, deste mesmo mês, duas comunicações destacadas no jornal, não assinadas, como se fossem editoriais. Elas tinham os respectivos títulos: “*Ao Povo*” e “*Conselhos para evitar o ataque da gripe ou influenza*”. As duas são recomendações profiláticas explícitas muito semelhantes na forma e no conteúdo às do Dr. Neiva. Contudo não se fazia qualquer referência ao médico que poderia tê-las oferecido ao jornal e foram transmitidas aos leitores como recomendações da direção daquele diário. É interessante observar que neste mesmo mês de outubro de 1918, o *Correio da Manhã* assumiu posturas bastante distintas em relação aos médicos. Exercia uma crítica dura aos sanitaristas, levantando grande polêmica sobre suas condutas ou à falta de uma posição em relação ao que fazer para conter a epidemia, inclusive exercendo certa pressão sobre o então Diretor de Saúde Pública.

Ao mesmo tempo, a partir do próprio discurso de um médico divulga em primeira página as recomendações profiláticas “do jornal”, assumindo para si um papel de agente de saúde.

O exemplo do Correio da Manhã na época da gripe espanhola talvez responda bem à pergunta feita há dois parágrafos. Além do clérigo, do assistente social, do agente de saúde, das campanhas de vacinação etc., era preciso um motor potente de divulgação de recomendações, sugestões, informações, esclarecimentos, idéias etc., que fosse suficientemente popular e chegasse aos confins de qualquer lugar distante. A imprensa e posteriormente o rádio atenderiam muito bem a todos esses requisitos.

Medicina preditiva e imprensa atual

O adjetivo *preditiva* tende a ser usado cada vez mais em medicina desde a década de 1960 (Ruffié, 1993, p.64). A medicina que se qualifica como preditiva visa predizer, desde o nascimento ou mesmo antes, as possibilidades de risco que o sujeito poderá conhecer durante sua vida. Baseia-se sobre dois grupos de fatores: os genéticos e os ambientais. É a partir destes fatores que ela avalia os riscos, apontando em que condições a doença poderá aparecer. Sua diferença da medicina preventiva é que ela não constata a doença, pois esta passa a ser considerada como um fenótipo feito de inato e de adquirido. Dessa forma, a medicina preditiva não é realizada com os sujeitos doentes mas com os saudáveis, uma vez que tem como objetivo levar cada pessoa a conservar-se em boa saúde até a idade mais avançada possível.

A genética é uma das disciplinas que mais contribui para a medicina preditiva, pois ela procura identificar não somente as mutações fortemente patogênicas, mas também as situações de risco; por outro lado as aquisições da patologia do ambiente, face à qual cada um reage segundo seu próprio patrimônio hereditário, são consideradas.

Segundo Jacques Ruffié, “no que diz respeito ao homem, a duração média de nosso programa é ao menos de uma centena de anos, mas um ‘acidente’ o interrompe com frequência. Graças ao conhecimento dos nossos fatores de risco, nós poderemos em breve fazer de nossos grandes velhos, alertas centenários. Com a condição de conhecer nosso ‘capital saúde’ e de assegurar sua autogestão, assim como nós gerimos nosso patrimônio imobiliário” (Ibidem, p.75).

Este mesmo autor afirma que a medicina preditiva será exercida sobretudo quando se souber identificar, no patrimônio (genético), a presença de certos fatores de fragilidade, de certos elementos de risco. Eles predis põem o paciente a desequilíbrios, aparecem com frequência quando ocorre uma agressão externa, que não teria efeito no sujeito normal. No entanto, se por um lado é possível identificar os fatores genéticos de algumas doenças isso não significa que tais doenças sejam constituídas exclusivamente por fatores genéticos. Este é o caso da *diabete insulino-*

dependente — doença ligada à destruição das ilhotas pancreáticas de Langerhans por autoimunidade — em que carregar o genótipo desta doença parece não ser o suficiente para que os sujeitos sejam atingidos pela hiperglicemia (Ibidem, p.85).

Aspectos da medicina preditiva são comumente divulgados através da imprensa tal como a matéria “*Manipulação do DNA vai ajudar a prevenir o câncer*” (Folha de São Paulo, 14/10/96). Nesta matéria há uma declaração de um pesquisador que anuncia: “Estamos entrando na era gênica. Em outros momentos, o que se estudou foram os resultados. Agora começa a ser estudada e modificada a causa da doença”. E prossegue: “O problema da terra no futuro não vão ser as doenças, mas a superpopulação”. O controle dos riscos de doença através da manipulação genética não só é colocado como possibilidade na notícia do jornal mas revela, a partir da fala do pesquisador, um “excesso de pessoas saudáveis” no futuro.

Certamente que não basta a ação da medicina preditiva para que isto aconteça. A noção de *responsabilidade pessoal* na atitude das pessoas frente ao risco é largamente divulgada tanto pela medicina quanto pela imprensa através de uma divisão que passa a ser feita entre os que se cuidam e os que não se cuidam e assim denominando os culpados e os inocentes diante da doença.

É dessa maneira que a maioria das notícias se refere, por exemplo, aos doentes de AIDS: os *inocentes*, ou seja, aqueles que foram infectados porque são hemofílicos ou receberam transfusão de sangue, e os considerados *culpados* por suas atitudes de risco, que são os homossexuais, os viciados em drogas injetáveis e os que têm vários parceiros. Não raro, tais matérias são acompanhadas de casos clínicos, dramas pessoais e estimativas para o futuro que fazem parte da própria narrativa, assim como estatísticas, gráficos, fotografias que tentam dar uma certa objetividade, caráter de pesquisa em relação ao que está sendo divulgado e credibilidade. Essa forma de apresentação das notícias é hoje amplamente utilizada pelos jornais. Ela é fruto de uma série de modificações ocorridas sobretudo no últimos cinquenta anos. A Segunda Guerra Mundial motivou o aumento das tiragens dos jornais na Europa e nos EUA. Nesta época havia grande concorrência com o rádio que era gratuito e dividia o bolo da publicidade. Assim, houve transformações na imprensa, que passou a buscar um certo padrão de qualidade, o que acabou com a expansão dos jornais populares (Ribeiro, 1994, p.39).

No Brasil, “a partir de 1948, na *Folha da Manhã* e, em seguida, no *Diário Carioca* e no *Jornal do Brasil*, o noticiário voltou-se decisivamente para a informação. Foram produzidos os primeiros manuais de redação, para impor padrões de qualidade e uniformização da notícia” (Ibidem, p.41).

Nos anos 60, em muitos países, a imprensa passou a sofrer a concorrência dos meios de informação audiovisuais. A televisão trouxe modificações decisivas à imprensa brasileira que em

alguns casos resolveu apostar numa identidade própria e investir nas reportagens investigativas, no aprofundamento da notícia. Alguns jornais, porém, resolveram fazer frente à televisão, tal como o jornal norte-americano *USA Today*, largamente imitado no Brasil, que traduziu a linguagem televisiva para a imprensa ao utilizar um “visual coloridíssimo” e ao “adotar notas curtas, informação superficial e gráficos” (Ibidem, p.50).

Em relação às notícias biomédicas, não se pode deixar de citar as mudanças ocorridas na medicina, principalmente a partir da metade deste século, que lhe conferiram um outro estatuto, aproximando-a muito mais da ciência do que em qualquer outro momento. Vacinas, medicamentos, cirurgias, transplantes, uma infinidade de acontecimentos que significaram possibilidades de curas de doenças que antes não se suspeitava que pudessem ocorrer. A importância da medicina na vida humana adquiriu grandes dimensões que comumente se expressam através de reais esperanças diante da morte, da dor, do sofrimento. Assim é que hoje, por exemplo, nos jornais *on line* é possível encontrar *links* especiais sobre saúde, através dos quais surge até mesmo a possibilidade dos leitores tirarem suas dúvidas com os profissionais de saúde.

Referências

1. AUDIN, M. *Histoire de l'imprimerie - radioscopie d'une ère: de Gutenberg à l'informatique*. Paris: Éditions A. & J. Picard, 1972.
2. CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro, outubro de 1918.
3. SITE DA ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. *Encyclopaedia Britannica on line*, <http://www.eb.com>, janeiro de 1999.
4. SITE DA FOLHA DE SÃO PAULO. *Folha de São Paulo on line*. Disponível na INTERNET via www.folha.com.br. Arquivos consultados em 1997 e 1998.
5. FOUCAULT, M. *O nascimento da clínica*, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 4ª edição, 1994.
6. MOULIN, A. M. “Os frutos da ciência”, in Le Goff, J. (org.) *As doenças têm história*. Lisboa: Terramar, 1991.
7. LINS DA SILVA, C. E. *O adiantado da hora*. São Paulo: Summus, 1991.
8. RIBEIRO, J. C. *Sempre alerta — condições e contradições do trabalho jornalístico*. São Paulo: Olho d'água & Brasiliense, 1994.
9. RUFFIÉ, J. *Naissance de la médecine prédictive*. Paris: Éditions Odile Jacob, 1993.
10. RUFFIÉ, J. & SOURNIA, J.-C. *Les épidémies dans l'histoire de l'homme - de la peste au sida*. Paris: Flammarion, 1995 (1ª edição de 1984).
11. SOURNIA, J.-C. *Histoire de la médecine et des médecins*. Paris: Larousse, 1991.
12. WOLGENSINGER, J. *L'histoire à la une: la grande aventure de la presse*. Évreux: Gallimard, 1989.
13. VIGUERIE, J. de *Histoire et dictionnaire du temps des lumières*. Paris: Éditions Robert Laffont, 1995.